

Camillo de Jesus Lima, o arquivista de si em o “Livro azul”**Esmeralda Guimarães MEIRA*****José Rubens Mascarenhas de ALMEIDA****

Resumo: Este estudo apresenta revelações do arquivo “Livro azul”, um dos volumes que compõem o acervo pessoal do escritor baiano Camillo de Jesus Lima (1912-1975), concernentes à sua produção literária e à sua participação em atividades ligadas à literatura, à cultura e à política na Bahia do século XX. Esta investigação possibilitou a elaboração de uma breve (auto)biografia (que reconhecemos ser incompleta, mas significativa), uma vez que esse intelectual foi arquivando a si mesmo ao compilar sua correspondência, recortes de jornais e de revistas com publicações de sua autoria ou sobre a sua obra neste tomo do arquivo. Para análise dos registros buscou-se uma inter-relação entre três campos distintos – Memória, História e Literatura –, ampliando o entendimento sobre o homem histórico na totalidade que o edifica como ser social.

Palavras-chave: História. Memória. Arquivo. Camillo de Jesus Lima.

Camillo de Jesus Lima, the archivist of himself in the "Blue book"

Abstract: This study presents revelations of the file "Blue Book", one of the volumes that make up the personal collection of the baiano writer Camillo de Jesus Lima (1912-1975), concerning his literary production and participation in activities related to literature, culture and politics in twentieth century in Bahia. This investigation enabled the drafting of a brief (auto) biography (which we know incomplete, but significant), since this intellectual was filling yourself while compiled his correspondence, newspaper clippings and magazines with his authorship or publications about his work in this volume of the file. For analysis of the records sought an interrelation between three distinct fields – memory, history and literature – broadening the understanding of the historical man on all the builds as being social.

Keywords: History. Memory. File. Camillo de Jesus Lima.

* Professora doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGMLS/UESB. Docente do Curso de Letras no Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/DCH/*Campus* VI. Avenida Contorno, s/n, Bairro São José. CEP: 46.400-000. Caetité – Bahia. E-mail: esmelmeira@yahoo.com.br

** Professor Doutor - Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), ambos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista. Estrada do Bem Querer, km 4, Caixa Postal 95. CEP: 45083-900. Vitória da Conquista – BA. E-mail: joserubensmascarenhas@yahoo.com.br

O arquivo não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social. (RICOEUR, 2007, p.177).

Os trabalhos com acervos, em especial os arquivos literários, ganham sentido quando os documentos que deles fazem parte, recolhidos e preservados por seus arcontes, deixam o seu estado físico de papel ou de outro suporte que os materializem para, uma vez disponibilizados a pesquisadores, ganharem possibilidades de leitura a partir do ponto de encontro que se quer demarcar.

Pode-se dizer que este momento de encontro com a cultura, com a gênese da criação, com a história, promovido pelo olhar investigativo do pesquisador é uma expressão da memória ou, como disse Nora (1993), “uma vontade de memória”. Tudo que ali está registrado, do risco ao tipo de papel, do bilhete ao recorte, do telegrama à cola, dos fatos à filiação ideológica de seus atores sociais, tudo isso é fonte histórica, mas também é memória materializada, “objetivada”, conforme conceitua Medeiros (2015).

As revelações do arquivo pessoal do escritor baiano Camillo de Jesus Lima são fontes para um estudo sobre a memória e a história desse intelectual em uma pesquisa que vem se desenvolvendo como proposta de doutoramento. Na verdade, o interesse em estudar a obra desse autor data do período em que esta pesquisadora, ainda graduanda do curso de Letras, conheceu alguns poemas de sua autoria a partir de uma Antologia poética organizada por Zélia Saldanha e Anadete Gusmão (1987). Mais tarde, em uma especialização, buscou aspectos de sua poesia que revelassem o olhar do poeta sobre as mulheres, o que resultou no ensaio “As mulheres sob o olhar do poeta Camillo de Jesus Lima.” (MEIRA, 1998). A grande dificuldade da pesquisa era o acesso ao material do escritor que, na época, estava sob a responsabilidade da Casa da Cultura de Vitória da Conquista, mas em mãos de um dos guardiões da obra, José Mozart Tanajura, com o objetivo de organizar as obras completas para uma futura publicação.

Há mais de sete anos o acervo de Camillo de Jesus Lima está sob a responsabilidade do professor e advogado Ruy Hermann Araújo Medeiros¹, resguardada na biblioteca de seu escritório de advocacia, com acesso restrito para algumas pesquisas. Parte do acervo foi entregue pela família do escritor e outra parte tem sido garimpada por esse guardião nesses últimos anos, com o objetivo de organização do “Arquivo Literário Camillo de Jesus Lima”, o que favorecerá um maior número de pesquisas, estando acessível ao público interessado.

O “Livro azul”² traz, em sua constituição, uma amostra do todo que é o arquivo desse autor baiano. O acervo que o caracteriza como “arquivista de si”, tem como base três grandes livros (do tipo usado em cartórios), nomeados nesse estudo como “Livro azul”, “Livro cinza” e “Livro de papelão”³.

Este texto trata, especificamente, de como o escritor e intelectual Camillo de Jesus Lima foi arquivando-se a si mesmo no “Livro azul”, no intenso exercício de compilação da sua correspondência, dos recortes de jornais e de revistas que traziam um pouco de sua história, predominantemente a sua atuação no campo literário e como crítico de rodapé.

O arquivo “Livro azul” ganha esse título pelas próprias características físicas. É um grande livro de capa dura de cor azul, com páginas numeradas e pautadas. Poderia também ser chamado “O livro de Albion” a quem foi dedicado, conforme inscrição no verso da primeira folha ao lado de uma fotografia do autor, com data de 30 de novembro de 1941: “Escuta, Albion: Si, um dia, te perguntarem quem era teu pai dirás: “Ele era um poeta”. É o mesmo que se disseses: “Ele era bom...”⁴ (transcrição fiel ao documento).

A compilação ou distribuição dos documentos não obedece a uma ordem cronológica, indicando que o seu primeiro arquivista preservava-os avulsamente e, uma vez que decidiu agrupá-los em arquivos, foi compilando sem essa preocupação, o que não significa que haja desordem. Pelo contrário, praticamente todos os documentos estão datados e com as referências de publicação, no caso dos recortes de jornais e revistas.

No verso da capa desse livro há um poema, escrito em 1975, ano da morte de seu autor, e resíduo de cola de algum outro documento que fora retirado e substituído por este. É um texto manuscrito por Camillo de Jesus Lima em folha de caderno, provavelmente anexado pela família, posteriormente à sua morte:

Quando eu morrer,
Ninguém pense em levar-me ao cemitério
Ao som de marcha-fúnebre.

Quero a alma de meu povo, representada por um samba bem brasileiro
Que fale dos barracos empinados no morro,
Vida amarga e alegre ao mesmo tempo;
Quero a toada do boiadeiro,
Arrancada em meio à “poeira vermelha,
Poeira do chão.”

Ninguém chore por mim, quando eu morrer...⁵

No final desse compêndio há alguns documentos não mais anexados pelo arquivista de si. São recortes de notícias que saíram em jornais sobre a precoce morte do escritor, assim como cartões e notas de condolências à família.

Talvez pareça um tanto fotográfica a imagem descrita adiante e esta intenção não foge aos princípios que regem a busca pelo guardado e o que ele tem a revelar. Ela descreve o espaço em que o arquivo em pauta foi organizado, compilado página a página,

na escolha dos recortes, das cartas, do tipo de cola que fixasse as memórias. Quando em visita para uma entrevista ao poeta, o jornalista da revista *Cooperação*, relata:

O seu gabinete de estudos, modesto, de uma modéstia elegante. Uma ordem que, de tão ordenada é quasi irritante. Tudo ali parece alinhado sob medida. Uma meza grande atravessada na sala, livros e papéis em lugares certos, dispostos como em escala cromática, onde o tato do poeta conhece as suas cousas até no escuro. (LEITE, 1945, s/p).

O arquivo “Livro azul” guarda, portanto, dados biográficos de seu autor. Relatos que revelam as condições objetivas de sua produção intelectual desde a sua formação leitora. Foi ouvindo histórias transmitidas pelas gerações de intelectuais que o antecederam, em especial, compartilhando das memórias do seu pai – a quem alega responsabilidade de sua iniciação no mundo das letras – que cresceu o menino Camillo, no interior da Bahia, de onde, mais tarde, ecoaria o canto de liberdade pelos injustiçados, proclamado em versos e prosa, na voz do homem que deixou sua marca como poeta, cronista, crítico literário, político e, acima de tudo, como um leitor das humanidades.

Camillo de Jesus Lima nasceu em Caetitê, no alto sertão da Bahia, mas viveu itinerantemente por cidades do norte de Minas Gerais e do sudoeste baiano, acompanhando o pai Francisco Fagundes de Lima, professor leigo que na época supria a falta das escolas regulares. Embora tenha nascido e vivido no interior Camillo de Jesus Lima se dizia um homem do mundo, pois conhecia, estudava, debatia e escrevia sobre as questões mais polêmicas que cercavam (e ainda cercam) os homens em suas lutas cotidianas. Seja no tocante aos conflitos que afligiam a sua região, a Bahia, o Brasil, como sobre as convulsões por que passava o mundo em um período de guerra e pós-guerra.

A herança de uma autodidaxia vem da origem paterna. Assim como o professor Fagundes, o filho se inclinou ao estudo de literatura não só de língua portuguesa. Sozinho aprendeu a ler em espanhol e inglês, chegou mesmo a traduzir poemas de alguns clássicos universais. Também herdou do pai uma grande e rica biblioteca, com muitos livros de literatura, filosofia, história, à qual foram acrescentadas obras da sua preferência, como as de cunho social e mesmo político. Sua coleção de livros marxistas quase desapareceu, apenas alguns volumes ficaram preservados com familiares e amigos. Mas muitos foram incinerados na época da Ditadura Militar.

Mesmo distante dos centros urbanos, leitura e escrita tornaram-no um homem sem fronteiras. Conhece dos clássicos universais aos escritores locais. Sua escrita apresenta intertextualidade que caracteriza identidades ideológicas com intelectuais como Marx, Lorca, Gorki, Dostoiévski, Tolstói, Vítor Hugo, Castro Alves, Jorge Amado, entre outros. Ele próprio confessa:

Veio Voltaire. Veio Rousseau. Vieram Freud e o doce Renan. Dostoievski, epilético sofria na casa dos Mortos. Os famintos e os revolucionários de Gorki chegavam uivando como lobos. As correntes dos forçados de Tolstoi vinham rebrilhando ao sol. Os grevistas de Dias da Costa e de Jorge Amado caíam, morrendo de fome e ódio. [...] O Deão de Canterbury contou a história de um mundo que ele descobriu. E Marusia Chubikova, nas ruas de Stalingrad, encheu, pela última vez, os olhos moribundos com a luz da liberdade. [...] Foi essa cambada que me fez passar a tesoura na cabeleira romântica. (LIMA, 1943, s/p).

Destaca-se, entre os recortes no “Livro azul”, um da revista carioca *Vamos Ler* em que, numa entrevista concedida a Hildon Rocha, Camillo de Jesus Lima fala de suas influências:

Li tudo de Castro Alves, de Álvares de Azevedo, Varela, Gonçalves Dias, Junqueira, Quental, todos os poetas célebres da língua portuguesa me orgulho de conhecer. Dos vivos, aqueles realmente conhecidos, como Olegário Mariano, Menotti, Cassiano, também lia tudo que me aparecesse. Dos moços sempre tive particular admiração por J. G. de Araújo Jorge, poeta que não saiu do velho caminho trilhado pelos maiores expoentes da poesia do mundo. Destes vivos o que me empolgou na minha adolescência e que teve sobre mim nos meus primeiros versos muita influência foi Olegário Mariano. [...] Os parnasianos também me ajudaram a apurar a sensibilidade. Principalmente o poeta de “Caçador de Esmeraldas”. (LIMA 1943, p. 14).

Em 1935, Camillo de Jesus Lima muda-se para Vitória da Conquista, cidade mais promissora da região naquela época, com emissoras de rádio, jornais, correios, favorecida pela criação da Rio-Bahia (BR 116), onde já se podia contar com alguns automóveis (VIANA, 1982). Também em 1935 ganhou, como poeta, seu primeiro prêmio na revista carioca *Vamos Ler* e, a partir deste momento, tornou-se seu colaborador.

Em 1939, casa-se com Maria José dos Santos Lima – Miriam – a quem dedicou o seu último livro publicado em vida, *O livro de Miriam* (1973). Com ela teve uma filha (Albion Helênica) e um filho (Luís Carlos) – uma homenagem a Luiz Carlos Prestes – “Eu, para Carlos Prestes, só tive duas homenagens, confessa Camillo: o nome do meu filho e os meus versos.” (LIMA, 1945a).

Conquanto tenha tido grande participação política e cultural na Bahia, sobretudo como crítico de rodapé, Camillo de Jesus Lima tornou-se muito mais conhecido como poeta por ter sua produção literária publicada em sete livros de poesias entre os anos de 1941 e 1973. As tiragens desses livros não passavam de 200 exemplares e eram financiadas por grupo de amigos e com recursos próprios.

O primeiro livro publicado, *As trevas da noite estão passando* (1941) pela Editora O Combate, foi escrito em parceria com outro escritor do sudoeste baiano Laudionor Brasil⁶. Este é um livro de cunho social, corajosamente lançado em pleno período de guerra mundial, um dos motes a que recorrem seus autores. Com o livro *Poemas* ganhou o prêmio Raul de Leoni em 1942, uma promoção da Academia Carioca de Letras em comemoração ao seu 17º aniversário, concedendo-lhe também o título de “Maior poeta moço do Brasil”. Este livro só veio a ser publicado em 1944 pela editora O Combate. O título a esta antologia poética foi uma sugestão de Carlos Chiacchio, que, em carta datada de 19 de fevereiro de 1937, comenta:

Segue por Rostil o “Ruínas”. Nada de ruínas, [grifo do autor] todo esplendor. [...] O próximo rodapé (quarta-feira) será todo seu. E é pequeno ainda para o valor dos “Poemas”, este, sim, o melhor título [...] “Ruínas” pode ser título de um dos “Poemas”. Enfim, publique quanto antes o seu livro. Vale a pena, por todos os “títulos”. (Carta de Chiacchio a Camillo, 1937).

Em 1945, foram publicados *Novos Poemas* (1945) e o *Viola Quebrada* (1945), ambos pela Editora O Combate. Este último possui uma estética com base na Literatura de Cordel e foi dedicado ao grande mestre da literatura popular nordestina Catulo da Paixão Cearense. No arquivo há carta enviada por ele a Camillo em agradecimento a homenagem. O livro *Cantigas da tarde nevoenta* (1955), editado pelas gráficas da Bahia/Salvador, é um livro de transição; nele o poeta traz muitos poemas de teor social com uma estética livre, diferentemente dos anteriores em que predominavam os sonetos.

Depois deste último, os escritos de sua autoria passam pela malha do cerceamento ao direito de expressão, alguns textos são impedidos de publicação pelo teor político e, somente na década de 70, sai, pelas Edições Mar, *A mão nevada e fria da saudade* (1971), um livro de sonetos em homenagem a alguns amigos e *O livro de Miriam* (1973), uma homenagem a sua esposa.

Mas, como já anunciado, a produção de Camillo de Jesus Lima não se limita aos versos, escreveu romances, contos, críticas, crônicas, traduções, resenhas e estudos sobre a história política e social do período. Juntamente a outros intelectuais brasileiros, entre estes dois ícones da literatura brasileira (Graciliano Ramos e Jorge Amado), ele recebeu de Luiz Carlos Prestes o *cartão* de filiação ao Partido Comunista do Brasil, conforme noticiado pelo jornal *O Momento*, em 17 de abril de 1946. A partir de então, ou muito antes, dizia que a sua literatura tinha uma missão social. Foi a sua prática intelectual assumidamente de esquerda que o fez vítima da ditadura militar e acabou preso em 1964, detido por três meses em Salvador, no Quartel de Amaralina.

A sua relação com o líder comunista Carlos Prestes marca da época em que a Coluna percorreu o sertão baiano, alojando-se em casa de seu pai, quando moravam na cidade de Caculé. Esta é uma parte da história e das memórias reveladas pelo poeta em entrevista, guardada entre os recortes do “Livro azul”:

Nunca ninguém exerceu tanta influência em minha vida como Luiz Carlos Prestes. Aquela figura apostólica do homem pálido, longa barba negra e fala suave, afagando minha cabeça, enquanto, lá fora, os homens da Coluna fervilhavam na praça de terra vermelha, nunca mais saiu da minha lembrança através dos anos. Era na vila de Caculé, e eu era, nesse tempo, um menino pálido e acanhado de catorze anos. (LIMA, 1945a, s/p).

Ao dar voz ao objeto que se investiga, ouvem-se revelações da memória de uma coletividade, a partir das inscrições pessoais do homem histórico, escritos que asseguram e definem seu pertencimento a grupos que constituem uma memória social, ou como preconizou Maurice Halbwachs (2006), uma memória coletiva.

Além da família, alguns grupos marcaram a trajetória do intelectual Camillo de Jesus Lima. Dois deles são de grande relevância. O primeiro refere-se aos amigos que constituiu ao chegar à cidade de Vitória da Conquista, em torno do jornal *O Combate*⁷. Ele, Laudionor Brasil e Clóvis Lima⁸ formavam um trio de intelectuais que sustentaram a inteligência crítica nas páginas dos jornais nas décadas de 30 e 40, em Vitória da Conquista.

O segundo grupo que possui origem nesse primeiro, contou com a liderança dos três amigos na fundação da Ala das Letras e das Artes de Vitória da Conquista, agregando um bom número de intelectuais que movimentaram a cidade nas décadas de 30 e 40. Nesta cidade, Camillo de Jesus Lima exerceu a função de professor, funcionário público e jornalista, além das atividades ligadas à Ala. Esta era uma seção da ALA de Salvador, fundada por Carlos Chiacchio, um dos críticos modernistas mais respeitados da Bahia no século XX.

De Carlos Chiacchio o poeta do sudoeste recebeu críticas motivadoras em cartas pessoais e em textos publicados, colocando-o entre os escritores que compunham o panorama da literatura baiana na primeira metade do século XX. Em crítica de rodapé, na coluna “Homens e Obras”, do Jornal *A Tarde*, de 22 de fevereiro, revela: “Eis aí, força e originalidade os traços marcantes de Camillo de Lima.” (CHIACCHIO, 1939, s/p).

A constante colaboração de Camillo de Jesus Lima com a cultura e a literatura baiana confere a ele condição de delegado eleito pelos artistas baianos para representar a Bahia no “III Congresso de escritores brasileiros” juntamente a outros artistas baianos, como Wilson Rocha, Adroaldo Costa, Jacinta Passos, conforme informa o Jornal *O Momento* de 2 de abril de 1950.

Ele foi colunista de alguns jornais baianos, com maior periodicidade no *A Tarde* (Salvador), em *O Combate* (Vitória da Conquista), *O Conquistense* (Vitória da Conquista) e colaborou com alguns jornais e revistas que circulavam na época, a exemplo do jornal *O Malho*, que tinha circulação nacional e da revista *Leitura* (Rio de Janeiro), uma publicação em que se veiculavam ideais da esquerda marxista e do Partido Comunista do Brasil.

Há, no arquivo “Livro azul”, recortes que trazem notícias suas, em jornais que circulavam no Brasil⁹ e no exterior, como a citada abaixo, uma publicação do jornal *Norte*, de Salto – Uruguai. Como em muitos de seus recortes, este também não traz a data de publicação.

Novos Poemas, Poemas y Viola Quebrada por Camilo de Jesus Lima. Editora Combate. Bahia. Brasil.

Igual que Cordero y León, pero en su tierra bahiana de leyenda imponente y de grandeza colonial, este poeta brasileño colabora en la independencia artística de las Américas latinas. [...] El sertón con su alma tremenda y misteriosa de que nos hablara tan magníficamente Euclides da Cunha, passa por estos poemas con la tersura de una corriente cristalina y mansa, no obstante una rebeldía interior, funda y luciente. [...] Jorge Amado há dicho que le parece extraordinario que Bahia tenga en el interior del Estado dos poetas tan grandes como Sosígenes Costa y Jesus Lima.¹⁰

Vê-se que analisar um acervo pessoal, sobretudo os literários, é localizar o seu principal ator social, o escritor. É pensar sobre o lugar de onde ele fala e entender as condições em que se produziu a obra arquivada. Além disso, o arquivo também apresenta a recepção crítica desse autor, que no caso do biografado, esta recepção se deu de duas maneiras: por meio de cartas e da crítica de rodapé.

Ao tomar conhecimento da ampla recepção crítica realizada e publicada sobre o referido autor (MEIRA; ALMEIDA, 2013), percebe-se que o reconhecimento de um público leitor e de uma crítica autorizada pode respaldar a inscrição deste intelectual no panorama da literatura baiana do século XX. Tudo isso confere hoje ao escritor e ao homem histórico a condição de ser, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de um processo social para o qual os olhos se voltam nesse texto.

As cartas que constam no arquivo “Livro azul” é a correspondência passiva, algumas de foro íntimo, mas sem teor sigiloso, e as demais que fazem referência às leituras das obras, uma crítica literária recebida dos pares, que geralmente trazia as primeiras impressões de leitura, antes mesmo de suas publicações. Jorge Amado escreve a Camillo uma carta elogiando sua atuação como poeta e como crítico de rodapé, com promessa de publicação de resenha crítica sobre os seus poemas, uma vez que Amado escrevia como crítico em *O Imparcial* e em *O Momento*:

Li sua entrevista e também seu artigo sobre 'Harpas & Farpas'. Muito Obrigado. Já li uns quantos poemas seus e até publiquei dois em "O Imparcial". Gostei de quantos li, mas teria vontade de ler uma quantidade maior para sobre eles escrever. Seria isso possível? (carta de Jorge Amado a Camillo de Jesus Lima, 19 de janeiro de 1943).

Outra carta que elucida o lugar desse poeta no panorama da literatura baiana do século XX é o convite do crítico e teórico Afrânio Coutinho, convidando o poeta a participar de uma antologia biográfica, organizada por ele na época, intitulada *Brasil e brasileiros de hoje* (1961). A carta, datada de 5 de novembro de 1959, destaca a escolha do nome de Camillo de Jesus Lima entre os escritores brasileiros pela sua produção e atuação no campo das artes literárias, conforme atesta o correspondente neste fragmento:

Sua atuação no terreno cultural, revelando-se das mais proveitosas, tem imposto seu nome ao respeito de seus patrícios. Assim a sua biografia se torna imprescindível na presente obra, motivo por que ficaria muito grato se V.Sa. nos devolvesse, devidamente preenchido e assinado, o questionário anexo, acompanhado de um seu retrato autografado. O questionário original, depois de seu aproveitamento para o livro, e a fotografia serão arquivados para a posteridade, no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. (Carta de Afrânio Coutinho a Camillo de Jesus Lima, 1959).

Tantos foram os seus correspondentes que no espaço aqui circunscrito não é possível descrevê-los ou tocar em suas especificidades. Mas fica muito clara a intenção desse arquivamento pelas mãos do próprio arquivista de si, ali afixando cada carta, cada cartão, reconhecendo o valor de toda palavra escrita e a ele dirigida por seus correspondentes, com isso documentando-se a si mesmo. Aqui apenas algumas notificações que se justificam pela escolha dos autores, vistas de uma perspectiva que revela e reconhece o lugar histórico de Camillo de Jesus Lima como intelectual das letras, mas não mais importantes que aquelas que não foram elencadas nesta exposição.

No arquivo estão preservados cartas, bilhetes, telegramas e cartões enviados por Manuel Bandeira, Malba Tahan, Menotti del Picchia, Hélio Simões, Afrânio Peixoto, D. Martins Oliveira, Olegário Mariano, Carvalho Filho, Anísio Melhor, Eugênio Gomes, Mario Cabral, Jorge Calmon, Jorge Amado, Nestor Duarte, Artigas Milans Martínez entre tantos outros, em agradecimento aos livros recebidos, e sobre os quais sempre teciam suas impressões de leituras.

Nestor Duarte, por exemplo, agradece o livro *Cantigas da tarde nevoenta*, que Camillo lhe mandara: "Eu o leio com satisfação e com curiosidade crescente, vendo em cada verso novo o caminho ascendente do pequeno e ignorado poeta do interior para a

conquista da grande poesia.” (Carta de Nestor Duarte a Camillo de Jesus Lima, 12 de setembro, 1955). Prado Ribeiro também tece suas impressões ao ler este livro:

Apesar de sua evolução (digo bem?) para o ritmo modernista, v. é sempre o grande poeta lírico cuja inspiração se agita em vôos altos que só os espíritos de eleição podem atingir. Não sei o que mais admirar em sua arte, se o lirismo límpido, luminoso que ela reflete ou se o pensamento profundo e filosófico que a corporificam. Além disso v. conseguiu harmonizar a sua arte com seus princípios políticos. (Carta de Prado Ribeiro a Camillo de Jesus Lima, 6 de junho, 1955).

Observa-se que, na fala dos dois correspondentes há referências à estética utilizada pelo escritor do *Cantigas da tarde nevoenta*, embora nenhum deles tenha separado daquela a questão temática com que Camillo tratou a realidade representada em seus versos. Ser lírico não significou para eles (e não o é) uma subjetividade sem fundamentos objetivos, pelo contrário, mesmo sendo lírico ele não se afasta de sua realidade social. Sua opção por uma estética mais aos moldes modernistas naquele momento era o que melhor representava tal realidade, incluindo aí, tanto a sua experiência pessoal, como a literária.

Por intermédio de um amigo comum – D. Martins de Oliveira, de quem teve muitas avaliações sobre seus textos – Camillo de Jesus Lima conhece o poeta uruguaio Artigas Mílans Martinez, quem tornou sua obra conhecida também fora do Brasil, com publicações em jornais de Salto/Uruguai. Este poeta, que também se dedicava à crítica literária, divulgou a obra do baiano, traduzindo alguns poemas para o espanhol, tornando assim, mais acessível, a literatura baiana lida também em Salto. Em carta, Martinez relata:

Yo que he sentido profundamente a Olavo Bilac, en sus perfectas ánforas de apolínea belleza en la forma y en la amplitud interior, me he quedado arrobado, leyendo algunos de sus sonetos, ya que en realidad hasta el momento no los he leído todos [...] Créame que los suyos me han hecho volver los ojos con verdadero interés, porque mi mundo interior se ha sentido conmovido sinceramente. Habré de escribir algo y publicarlo acá sobre usted y lo difundiré en América de habla española. Desde luego que “Viola quebrada” tiene un sabor de tierra brasileña muy interesante de lo que me ocuparé con preferencia. (Carta de Artigas Martínez a Camillo de Jesus Lima, 10 de julho, 1945).

Interessante que, conforme dito em nota, uma parte da carta de Martinez fora escrita à mão e com lápis, elementos que certamente se deve ao fato da escrita datilografada não ser possível naquele espaço do papel ou coisa semelhante. No que concerne a essas características físicas dos documentos dos arquivos literários que tanto dizem, conforme

bem o sabem a arquivística, a filologia e a crítica genética, aqui a atenção também se volta a elas, para entender o que podem revelar.

Semelhante a esse documento é uma carta de Jorge Amado, datilografada e assinada pelo romancista. Logo abaixo do texto datilografado há uma inserção manuscrita, não mais do Jorge, mas do seu irmão James Amado, que também era amigo de Camillo de Jesus Lima. Imagina-se que o arauto (conforme dito por Jorge Amado, a carta seguia por Moacyr Guimarães) não esperaria uma nova missiva, permitindo a esse novo correspondente apenas um adendo, como se pode ver: “Camillo. Um abraço. Vou te escrever uma carta longa num destes dias, contando uns troços sérios. Enquanto isso, mande seus poemas pra gente. Um abraço, do seu James”¹¹. (bilhete de James Amado a Camillo de Jesus Lima, 19 de janeiro, 1943) Observa-se que existe uma singularidade nas cartas entre os amigos desta época, nesta e nas demais cartas: a forma afetiva com que eles se tratavam.

Conforme revelado por Alicia Duhá Lose (2004), o arquivo – no caso especial dos espólios literários modernos – é multidisciplinar e dele pode se valer o historiador, o filólogo, o geneticista, o biógrafo. Ele diz do processo de criação, dos movimentos da feitura literária, traz dados da vida e da obra de seu autor, retrata a sociedade contemporânea do escritor e ainda revela marcas da recepção da obra. O artista, no labirinto de sua criação, transita entre o real e o imaginário, entre o factual e o ficcional e vai deixando inscrições dentro e fora de seus textos. Por isso defende-se o reconhecimento desse criador em dimensões que não se prendem apenas ao texto, muito menos poderia a sua leitura acontecer de forma fragmentada, compartimentada, descontextualizada social, histórica ou culturalmente. Diz-se do espólio documental tudo que se liga a ele,

[...] desde o seu percurso biográfico como “trânsito individual” balizado pelas humaníssimas datas de nascimento e morte, quer como (com)vivências geracional e compromissos com a história, circunstanciado este pelo tempo em que a obra e a intervenção cívica do autor se inscreveram. (OLIVEIRA, 2007, p. 375).

Visto pelo viés da história e da memória, o arquivo é um espaço onde se cruzam saberes diversos, representa um patrimônio que sai da condição de particular/pessoal para alcançar a dimensão do público/universal. Sabe-se que os espólios dos escritores contemporâneos representam grande parte da herança cultural preservadas nos arquivos.

Pierre Nora defende que entre muitas formas de objetivação da memória estão os arquivos como lugares de memória e que estes só existem porque não há memórias espontâneas, daí a necessidade de fixá-las de alguma forma, ou seja, de materializá-las.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É esse vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. (NORA, 1993, p.13).

Assim, o historiador francês justifica a constituição dos lugares de memória como lugares também de história. Em sua argumentação, Nora acaba confirmando que é verdadeiramente no movimento da história que a memória encontra o seu lugar no jogo dos lugares:

O que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca. Inicialmente, é preciso ter vontade de memória [...]. Na falta dessa intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história. (NORA, 1993, p.22).

Inscribe-se, assim, a partir de uma crítica aos “lugares de memória”, conforme preconizado por Nora (1993), que o percurso pelo “Livro azul” se dá desconstruindo a permanência do guardado como representação oficial, nacional, imperativa, para interferir em seus registros, revendo o passado não em sua reprodução crua, mas atualizando a própria história conforme a condição social, política e cultural do momento. Isso não tira de Camillo de Jesus Lima a condição de intelectual de seu tempo, pelo contrário, confirma esta característica preponderante em sua vida social.

Acontece que, na busca incessante pelo que se quer enxergar em um espólio, muitas vezes, apagam-se indícios que gritam de dentro do arquivo, daí a necessidade de saber lidar com a investigação, procurando um equilíbrio entre a paixão e a isenção do pesquisador. Ou poderia dizer contaminar-se e curar-se do *mal de arquivo*, termo cunhado por Jacques Derrida (2001) em livro homônimo, quando explica a perturbação que sofrem os que se envolvem nas tramas arquivísticas.

Quando se propõe um trabalho como esse é relevante destacar o tratamento que se deve ter com o material físico e com matérias históricas, políticas e sociais que recaem sob a responsabilidade do pesquisador ou arquivista. Reitera-se, dessa forma, o que diz Renato Gomes:

O acervo impõe uma posição pessoal de quem o reativa, do arquivista, que passará a ‘agente de formação da memória’, uma vez que o arquivo não é uma realidade pronta e acabada: ao contrário, em certa medida ele é

construído pelo trabalho do sujeito, que ao cumprir nele um itinerário, deixa suas pegadas, seus vestígios. (GOMES, 2002, p. 97).

Confirma-se que, embora possua sua materialidade objetivada fisicamente e por guardar registros do passado, nem por isso o arquivo é estático; nele está contida a história como cerne da sua constituição e nele pode-se intervir o sujeito da pesquisa assim como interveio aquele que o compilou ou seus guardiões. Em três momentos distintos, os documentos passam por estágios de análise crítica: na produção, no arquivamento, na recepção. Em nenhum deles pode-se considerar que este material seja bruto ou acabado, conforme explicita Le Goff:

O fato histórico não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje a crítica à noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro. (1990, p.10-11).

Portanto, mesmo a história sendo situada, localizada no tempo e no espaço, com seus traços e registros, com suas marcas sociais e políticas, na contemporaneidade ela não se apresenta de forma fixa, pelo contrário, ela se reconstrói dialeticamente, apontando para um permanente devir, mas com revisões críticas do passado. Desta forma, conta-se com um elemento implacável na sociedade de classes, as lutas entre lembrança e esquecimento, observadas as forças de poder e de manipulação coletiva, conforme esclarece o historiador:

O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. [...] Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 427).

Corroborar essa opinião Pierre Nora, que sobre a memória anuncia:

Ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. (1993, p. 9).

Embora muitas vezes a memória seja colocada apenas a serviço de uma hegemonia burguesa e capitalista – favorecendo a sua manutenção, “vulnerável a todos os usos e manipulações”, deixando relegadas ao campo do esquecimento aquelas que representam

as minorias sociais subalternas e, por isso silenciadas – há ainda os grupos de resistência que, outras tantas vezes, intervêm para tirar da latência imposta tais memórias, reorganizando-as na história.

Localizam-se entre o segundo grupo descrito (dos resistentes) as memórias do arquivo “Livro azul”, um lugar também de história. Por conseguinte, as memórias se deslocam de um espaço físico para confirmar o reconhecimento das relações sociais que circundam esses registros e fica claro a existência de uma realidade concreta a partir dessa totalidade, em especial ao se deparar com faces da vida, às quais não se dá visibilidade no primeiro contato com os documentos. Ao reconhecer e analisar o trabalho do arquivista de si, as marcas deixadas na seleção dos manuscritos, afirma-se que estas não se caracterizam como rua de mão única, mas apresentam nuances, descaminhos, idas e vindas, depara-se com o contexto histórico em que ele construiu seu arcabouço intelectual como um homem de seu tempo, que contribuiu, significativamente, com a sua geração, ao buscar um permanente diálogo entre passado, presente e futuro.

Recebido em: 10/04/2015

Aprovado em: 24/11/2015

NOTAS

¹ Além de advogado e professor do curso de Direito da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Ruy Medeiros se dedica a pesquisas sobre a memória e a história, em especial, da região sudoeste. Contribui de forma ativa com a comunidade, proferindo palestras sobre os mais diversos assuntos e disponibilizando material de sua biblioteca pessoal para estudos de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

² O tomo “Livro azul”, parte do Arquivo Pessoal de Camillo de Jesus Lima, é fonte principal deste estudo. As cartas, recortes de jornais e de revistas estão compiladas e anexadas em suas páginas.

³ O acervo sob a guarda de Ruy Medeiros consta, além dos três volumes citados, de quatro cadernos de poemas (manuscritos); originais de livros editados e dos inéditos (poemas, crônicas, críticas, romance); arquivo fotográfico (em álbum e digitalizado); volumes datilografados e encadernados da obra, incluindo as cartas, além da fortuna crítica do escritor.

⁴ Dedicatória de Camillo de Jesus Lima para sua filha Albion Helênica.

⁵ Fragmento do poema “Peço”, constante no verso da capa do arquivo “Livro azul”.

⁶ Laudionor de Andrade Brasil foi um grande colaborador das artes e da literatura do sudoeste da Bahia. Ele fundou o jornal, tipografia e editora “O Combate” e foi membro fundador da Ala das Letras e das Artes de Conquista, junto a Camillo de Jesus Lima e outros intelectuais do período. Autor do livro de crônicas e poesias De Lenço Vermelho (1930) também pela Editora O Combate, em coautoria com o jornalista Bruno Bacelar.

⁷ Este jornal circulou pela primeira vez em 11 de agosto de 1929 e sobreviveu até 1964 como “Jornal Independente e Noticioso”, como se autoqualificava. Criado por Francisco Andrade e Laudionor Andrade Brasil, mas este último que esteve em sua direção, antes com Flaviano Dantas e, depois, com Camillo de Jesus Lima e Clóvis Lima. O jornal, que sempre manteve uma linha política mais

aberta, principalmente nos últimos anos de sua existência, foi fechado pela Ditadura Militar em maio de 1964.

⁸ Clóvis Lima nasceu em Vitória da Conquista e no dia 11 de março de 2015 completou 101 anos de idade. Foi um dos fundadores da Ala das Letras e das Artes de Vitória da Conquista, seção regional da ALA de Salvador. É autor de Poesia Avulsa. Atualmente Clóvis Lima ocupa a cadeira número 22 da Academia de Letras da Bahia.

⁹ Jornais: O Combate, O Conquistense, A Batalha e Jornal de Conquista (Vitória da Conquista/BA), O Imparcial, A tarde, Diário da Bahia, Sete Dias e O Momento (Salvador/BA), Diário da Tarde (Ilhéus/BA), A Época (Itabuna/BA), O Comércio (Poções/BA), A Cidade (Itambé/BA), Correio de Aracaju (Aracaju/ SE) Jornal do Comércio e Jornal de Letras, (Rio de Janeiro), O Caetité (Caetité/BA), O Conservador (Nazará/BA), Tribuna Gonçalense (Teófilo Otoni/MG), Sudoeste (Jequié/BA), O Estado (Fortaleza/CE), O Diário de Bauru e A Gazeta, (São Paulo), entre outros.

¹⁰ Texto transcrito de recorte do jornal Norte, s/d, constante no acervo “Livro azul”.

¹¹ Bilhete de James Amado a Camillo de Jesus Lima, na parte inferior de carta de Jorge Amado, datada de 19 de janeiro de 1943, constante no arquivo “Livro azul”.

FONTES

Acervo pessoal de Camillo de Jesus Lima. Tomo “Livro azul”.

Jornal *A Tarde* (Homens e Obras). Salvador/Bahia, 22 de fevereiro de 1939; crítica de rodapé de Carlos Chiacchio.

Revista Cooperação. Itabuna/ Bahia, nov. 1945. Camillo de Jesus Lima, por José Leite.

Jornal *O Momento*. Entrega de “carnet” aos escritores e artistas do P.C.B., Cidade do Salvador, 17 de abril de 1946.

Jornal *O Momento*. Salvador/Bahia 02 de abril de 1950.

REFERÊNCIAS

COUTINHO. *Brasil e Brasileiros de hoje* (enciclopédia de biografias), 2 v. Rio de Janeiro: Foto Service, 1961.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.

GOMES, Renato Cordeiro. Acervos literários: implicações sobre a teoria e o ensino de literatura ou a sedução do arquivo. *Centro de Pesquisa Literárias da PUCRS*, v 8, n 1, Porto Alegre: PUCRS, 2002, p. 95-104.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LEITE, José. Camillo de Jesus Lima (entrevista) *Cooperação*. Itabuna/BA, Novembro, 1945.

LIMA, Camillo de Jesus; BRASIL, Laudionor. *As trevas da noite estão passando*, Vitória da Conquista/Bahia: Editora O Combate, 1941.

_____. Um poeta do interior baiano premiado no Rio: depoimento. [16 set. 1943.] *Vamos ler!*, Rio de Janeiro, 1943. Entrevista a Hildon Rocha.

_____. “Harpas e Farpas”, *Jornal O Combate*. Vitória da Conquista/Bahia, 20 de jan. 1944.

_____. *Poemas*, Vitória da Conquista/Bahia: Editora O Combate, 1944.

_____. Camillo de Jesus Lima: depoimento [Novembro, 1945] *Cooperação*. Itabuna/BA, 1945a. Entrevista concedida a José Leite.

_____. *Novos poemas*, Vitória da Conquista/Bahia: Editora O Combate, 1945.

_____. *Viola quebrada*, Vitória da Conquista/Bahia: Editora O Combate, 1945.

_____. *Cantigas da tarde nevoenta*. Salvador: Ed. S.A. Gráficas da Bahia, 1955.

_____. *A mão nevada e fria da saudade*. Edições Mar: Vitória da Conquista, 1971.

_____. *O livro de Miriam*. Edições Mar: Vitória da Conquista, 1973.

LOSE, Alicia Duhá, Arquivo: a morada da censura. *Revista Digital Inventário*, n. 2, Abril de 2004. PPGLL/UFBA, Salvador/Bahia 2004.

MEDEIROS, Ruy Hermann Araújo. *História Compartilhada e Memória: entre Alienação e Ideologia*. Tese (Doutorado em Memória) 145 p. 2015, Vitória da Conquista: PPGMLS/UESB, 2015.

MEIRA, Esmeralda Guimarães. Mulheres sob o olhar do poeta Camillo de Jesus Lima (algumas imagens). *Revista Heléboro*, ano 1, n 2, Vitória da Conquista: UESB, 1998.

_____; ALMEIDA, José Rubens Magalhães de. *A recepção crítica como produção de conhecimento: Camillo de Jesus Lima sob o olhar da crítica*. In: X Colóquio Nacional e III Colóquio Internacional do Museu Pedagógico – Produção de Conhecimento no limiar do século XX: tendências e conflitos. Vitória da Conquista: Wmoreira Internet, 2013.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, nº 10, dez. 1993 p. 7- 28.

OLIVEIRA, Antonio Braz de. Arquivística literária: notas de memória e perspectiva. *Veredas*, n. 8, Porto Alegre: 2007, p. 373 - 382.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas (SP): EdUnicamp, 2007.

ROCHA, Hildon. Um poeta do interior baiano premiado no Rio. *Vamos ler!* Rio de Janeiro, 16 set. 1943. p.14.

SALDANHA, Zélia Nunes; GUSMÃO, Anadete Mota. *Antologia poética – Camillo de Jesus Lima*. Vitória da Conquista: UESB, 1987.

VIANA, Aníbal Lopes. *Revista histórica de Conquista*, v 1, O Jornal de Conquista: Vitória da Conquista, 1982.